

BANCOS LATINO-AMERICANOS FORAM ESPECTADORES DA CRISE

O público manteve sua confiança nas instituições financeiras da região. Por Ricardo Marino

O desafio do setor é superar o índice de 36% da população com acesso a pelo menos um serviço financeiro. No último ano, o sistema financeiro dos países industrializados enfrentou a pior crise desde os anos 30. Nos Estados Unidos, mais de 400 entidades financeiras passaram a receber recursos públicos para evitar o colapso e muitas entidades quebraram, representando 25% dos ativos do sistema.

Essa situação se expandiu rapidamente para a Inglaterra e para a Europa. Enquanto isso, a América Latina pode dizer que, até o momento, o sistema financeiro da região tem superado com folga essa complexa prova de fogo. Apesar das difíceis condições macroeconômicas, do cenário delicado dos mercados financeiros internacionais e da recessão generalizada, os bancos da região foram espectadores da crise mundial. É possível dizer que ficaram para trás os tempos em que uma turbulência financeira internacional tinha impacto sobre os bancos da região.

O público manteve a confiança nas instituições financeiras da região. Enquanto nos países desenvolvidos havia corrida pelos depósitos, pânico e incerteza sobre o valor dos ativos financeiros, na América Latina os bancos mantiveram a base de depositantes como uma fonte clara de liquidez. Além disso, a região se manteve alheia à conjuntura dos ativos tóxicos, já que a maior parte dos investimentos do portfólio está localizado nos mercados domésticos de dívida pública.

Hoje, a dívida pública interna soberana da América Latina é um ativo financeiro de alto valor. O risco desse investimento vem se reduzindo graças ao gerenciamento responsável das finanças públicas. Dados revelados pela CEPAL mostram que enquanto o déficit fiscal consolidado da região era de -2,9% em 2002, em 2008 o mesmo índice era de apenas -0,3%. A carteira de crédito registra números positivos reais. Os bancos latino-americanos estão longe de ser um fator de instabilidade ou de intensificação das tendências recessivas.

Pelo contrário: muitas das medidas anticíclicas se apoiaram nos incentivos para a tomada de crédito concedido pelos bancos. Em momentos de menor atividade econômica, os bancos seguem avaliando e financiando os melhores tomadores de crédito, aqueles que potencializam o crescimento econômico do futuro. É isso que demonstram os números.

Análise feita pela Federação Latino-americana de Bancos — Felaban — estima que o crédito total crescia em média 14,3% em taxas regionais em 2008, e em 2009 o mesmo indicador chega a 7,1%. Ainda sobre esses números, é preciso ressaltar que o crédito empresarial regional passou de um crescimento médio de 14,9% por ano em 2008, para um nível similar de crescimento de 13,1% em 2009. Por outro lado, o crédito para pessoas físicas passou de um crescimento de 34,4% no ano passado, para um crescimento de 18,1% em 2009.

É possível dizer que no ano de 2009 a carteira de crédito da região se ajustará com relação ao ano anterior, mas é importante destacar o fato de que ela segue registrando números reais positivos, que contrastam com a paralisia de crédito que vivem hoje os países ricos.

Outro fator que contribui para a força dos bancos latino-americanos é a melhor avaliação dos riscos. Graças a um esquema de supervisão e regulação baseado nos critérios propostos pelo Basileia II, a administração dos riscos financeiros teve melhorias significativas e hoje rende seus frutos. Durante os períodos de crescimento econômico, os bancos foram fundamentais ao financiar os investimentos das empresas e o consumo dos lares. Agora, em tempos de contração econômica, temos certeza de que, com a atual capacidade patrimonial e as menores taxas de juros promovidas pelos bancos centrais, as entidades

bancárias têm todas as condições de financiar o processo de recuperação econômica. De fato, em meio à contração da produção, os bancos seguem financiando.

É provável que a consolidação de entidades continue. Com isto, a capacidade da região aumentará, e acabará, no longo prazo, beneficiando os agentes econômicos que tenham novos produtos e opções para atender às suas necessidades específicas de financiamento. A integração regional e o desenvolvimento da tecnologia levarão à massificação de canais para o oferecimento de novos canais financeiros. Hoje, vemos que cada vez mais bancos da região se interessam por explorar os caminhos das microfinanças e o atendimento às pequenas e médias empresas. Isto, é claro, promove a bancarização e a educação financeira do público. O desafio do setor é superar o índice de 36% da população da região com acesso a pelo menos um serviço financeiro.

Acreditamos que o capítulo da recessão temporária fica para trás. Se com a crise as expectativas de crescimento passaram de números positivos a negativos muito rapidamente, percebemos que, antes do que se imaginava, um grupo de países já recompõe sua atividade real. E com o acompanhamento da atividade creditícia, o comportamento dos insumos e as relações crescentes com a Ásia, a América Latina poderá crescer 2,8% no ano de 2010. Esses são resultados aceitáveis se levarmos em conta a magnitude e a duração da crise mundial, assim como as dificuldades para que a recuperação seja sustentável no longo prazo. A boa notícia é que, nesse contexto, os bancos latinoamericanos têm o compromisso pleno e a força financeira para acompanhar e apoiar esse processo nos próximos doze meses.

Ricardo Marino é presidente da
Federação Latino-americana de Bancos, FELABAN.